



Antônio Carlos Bergo ()*

Humanismo: Limites e possibilidades

(*) Doutor em Educação (Filosofia e História da Educação) pela UNICAMP. Professor do Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP.



RESUMO

O objetivo do artigo é abordar aspectos da realidade atual e o que pode ser feito no sentido de indicar caminhos que possam dar ao educador perspectivas em seu trabalho e tornar-se atento com o que se defronta em sala de aula e sua relação com a sociedade e o que pode utilizar da tradição cultural.

ABSTRACT

The objective of this article is to approach some aspects of the present reality and what can be done as to showing the educator some ways leading to new perspectives in his work, making him attentive to what he has to deal with in class as well as his relationship with society and what he can get from cultural tradition.

I. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é propor indagações sobre os caminhos a que a situação social de hoje está apontando. Após a crise do socialismo do Leste Europeu, muitas dúvidas estão surgindo. Seria o melhor caminho o capitalismo, com todos os problemas que já apresentou? Seus defensores estão radiantes. E quem leva a pior é aquele que acredita que o Estado pode resolver tudo.

Segundo Guy Sorman, a ideologia que acompanha este ponto de vista é o liberalismo assim definido: "Este liberalismo é de certa forma conservador; busca suas origens nas tradições, na história coletiva, nas aquisições culturais. Conservadorismo e liberalismo tornam-se hoje complementares, nem sempre o foram; no século XIX eram até mesmo contraditórios. O conservadorismo é uma atitude, o liberalismo é um projeto"¹

Assim, o liberalismo remoja e, segundo o autor, se universaliza. Os sentidos estão a seu favor porque não há oposição. Isto quer dizer que o seu sucesso depende dele mesmo. Parece que o Estado passou a ser o grande inimigo de todos, pelo menos a propaganda assim o diz. Pergunto-me: Por quê? Se o Estado é tão perigoso assim, por que a burguesia luta para ficar com ele em suas mãos?

Penso que há práticas realistas que pretendem deixar o homem à deriva, como também procuro lembrar que há, na tradição cultural, propostas de realização do humano em sua essência. E é possível conciliar lucro com humanismo? Harold Laski lembra, em seus estudos sobre o liberalismo: "Na Inglaterra, Coleridge e Carlyle, Southey e Disraeli desenvolveram com notável perspicácia a idéia de um Estado que ultrapassava a relação baseada num vínculo monetário para chegar à mitigação consciente dos resultados da desigualdade"²

Ademais, há uma séria questão a ser posta: o pragmatismo, entendido aqui como o lucro acima de tudo, permite o fim da desigualdade?

1. SORMAN, Guy. *A solução liberal*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal/Civilização Brasileira, p. 5.

2. LASKI, Harold. *O liberalismo europeu*. São Paulo: Mestre Jou, 1973. p. 272.

2. PERSPECTIVAS INDICADAS PELA SOCIOBIOLOGIA

Uma área que contribuiu de forma destacada para alcançar uma nova interpretação de mundo é a sociobiologia. Obras de destaque surgiram, a partir de 1970. Guy Sorman fez um apanhado geral em **Os verdadeiros pensadores de nosso tempo**. É curioso como o final do século XX também tem o apoio de uma ciência, que atualmente é considerada uma ciência mal-amada pelas implicações e conclusões que tira para a atividade humana em seu contexto global. Vejo uma certa repetição do que ocorreu no século XIX, quando a sociologia surgiu como ciência. No relatório de Sorman, acima referido, elencam-se autores que estudam a natureza e defendem muitos valores que sofreram choques e agora retornam com muita força, associados ao reflorescimento do liberalismo.

Para se ter uma idéia, cita o referido autor principais frases, como a de Friedrich A. Hayek: “Os liberais devem ser agitadores”. Associa-se a esta frase a afirmação de Murray Rothbarth: “O Estado é o roubo”. Segue-se a de Rose e Milton Friedman: “O capitalismo vale para todo o mundo”³.

Revive-se o darwinismo de modo atualizado com Stephen J. Gould. A sociobiologia estuda o nosso comportamento relacionado às formas de comportamento animal. Assim, Sorman narra, ao referir-se a Edward Wilson, o principal destaque nessa ciência:

Não teria mantido Wilson na minha galeria de verdadeiros pensadores se ele só tivesse se contentado em olhar formigas. Na verdade, Wilson transgrediu as fronteiras de sua especialidade para recolher, de outras, ensinamentos gerais. É a partir daí, então, que ele se torna interessante para nós, os não especialistas, e contestado como todos os inventores, porque é o fundador de uma nova teoria, nova e contestável: a sociobiologia. Simplificando ao extremo, direi que a sociobiologia é a aplicação à sociedade humana das notações biológicas observadas nos animais: segundo Wilson, novos comportamentos humanos seriam tributários do patrimônio genético legado pela evolução natural quando de nossa cultura adquirida⁴

Edward O. Wilson, que tem se destacado em trabalhos avançados em sociobiologia, dedica, no seu texto mais importante, por volta de 700 páginas, apenas algumas ao humano, o que intriga os humanistas. Aliás, ele mesmo é

3. SORMAN, Guy. *Os verdadeiros pensadores de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 9.

4. Id. *Ib.*, p. 69.

intrigante quando não vê com bons olhos o socialismo e, aos olhos do Ocidente, é um ateu⁵.

Em obra posterior, aparece um trabalho mais cauteloso, quando fala da importância da vivência com a natureza, da biodiversidade e do impacto humano como sendo importante no meio ambiente⁶.

3. POSSIBILIDADES DO HUMANISMO HOJE.

A atualidade coloca inúmeros problemas que exigem soluções. A realidade colocou o capitalismo numa velocidade nunca vista. A primeira aconteceu no século XVII, trazendo um desequilíbrio nas relações do homem com o seu meio e com ele mesmo. A questão do desequilíbrio foi levantada pelo malthusianismo, que via na condição humana o conflito dentro da própria espécie. O historiador Christopher Hill assim interpreta: "(...)a Revolução Inglesa de 1640-60 foi um grande momento social, como a Revolução Francesa de 1789. O poder de Estado que protegia uma velha ordem essencialmente feudal foi derrubado, passando o poder para as mãos de uma nova classe, e tornando possível o livre desenvolvimento do capitalismo⁷"

Em termos de comportamento humano, o individualismo passa a ser o critério de vida, identificando-se com os ideais do liberalismo. Na teoria de Locke estão elaborados os princípios que acompanham esta concepção de mundo.

A segunda aceleração do capitalismo ocorre no século XIX. Novamente fortaleceu-se o destaque dado ao indivíduo, não só em concepções político-filosóficas, mas, principalmente, na área da biologia e da sociologia, que toma as suas primeiras fontes em concepções biológicas

Hoje, manifesta-se a terceira grande mudança, cujos resultados ninguém ainda pode avaliar. Uma polêmica ainda continua sendo importante: ou se avança em direção ao capitalismo desenfreado ou o socialismo ainda tem algo a responder. Há opiniões que apostam no fim do socialismo e outras que supõem este momento ser apenas um patamar inicial para o que se chama socialismo, segundo as concepções de Engels e Marx, ou seja, ainda há um socialismo a ser realizado. A crise aparece atingindo o mundo conhecido. É inte-

5. WILSON, Edward O. *Sociobiology. The new synthesis*. Cambridge, Massachusetts and London, England, 1982, passim.

6. Id., *The diversity of life*. Allen Lane: The Penguin Books, 1982, passim.

7. HILL, Christopher. *A revolução Inglesa de 1640*. Lisboa: Presença, 1981, II.

ressante lembrar o comentário de Saul Bellow: "A controvérsia entre a esquerda e a direita se tornou tão feroz na última década que os hábitos do discurso civilizado saíram esfacelados. Os antagonismos, ao que parece, já não se escutam uns aos outros"⁸.

Aliás, este problema não afeta apenas questões políticas, mas também todas as esferas da atividade humana. J. Habermas caracterizou este processo em mudanças que ocorrem na esfera pública, sempre como uma repetição da cosmovisão burguesa⁹.

Os grandes projetos humanistas de nossa civilização ainda não foram realizados. Há alguns exemplos:

- o modelo de democracia ateniense.
- o ideal igualitário do cristianismo primitivo.
- o humanismo do Renascimento.
- a tríada da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade.

Ressalto a última cosmovisão porque, historicamente, vem após as outras e sintetiza o que já estava precisado nos outros exemplos, uma vez que, pela primeira vez, aparece em uma constituição a garantia de tais direitos. Os alemães, caracterizados como idealistas, desenvolveram de maneira reflexiva em obras que tiveram, no dizer de Marcuse, a filosofia da Revolução Francesa. Segundo ele:

A Revolução Francesa, aos olhos dos idealistas alemães, não só abolira o absolutismo feudal, substituindo-o pelo sistema econômico e político da classe média, mas, ao emancipar o indivíduo como senhor auto-confiante de sua vida, completara o que a Reforma Alemã havia começado. A situação do homem no mundo, seu trabalho e lazer, deveriam, doravante, depender de sua própria atividade racional livre e não de qualquer autoridade externa. O homem supera o longo período de imaturidade, durante o qual fora oprimido por esmagadoras forças naturais e sociais, se torna o sujeito autônomo de seu próprio desenvolvimento¹⁰

De fato, esta época histórica parece ter atingido um momento nunca visto, onde tudo pode ser discutido, uma vez que a razão promete a reflexão dos dados da realidade através do conceito. Ou seja, o conceito capta o real e o transforma em leis garantidas pelo Estado e pelas instituições a que estão

8. BELLOW, Saul. Preâmbulo a Allan Bloom. In: _____. **O declínio da cultura ocidental**. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 19.

9. HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 170.

10. MARCUSE, Herbert. **Razão e revolução**. Rio de Janeiro: Saga, 1989, p. 15.

vinculados. Se o conceito chega à totalidade, o Estado tem uma organicidade com o que acontece em todas as instâncias da vivência social. Os grupos e indivíduos realizam-se enquanto vontade coletiva, enquanto povo. Para ser mais preciso, Estado é povo. Neste sentido, pode-se evitar a situação caótica a que se pode chegar, porque há uma determinação dialética entre vontade individual, grupal e coletiva. As contradições podem ser superadas de maneira otimista em uma visão mais ampla do processo histórico.

4. CONFLITO ATUAL: NEOLIBERALISMO E NEOMARXISMO

Acontece, na situação de final de século, uma polêmica que nos atinge de alguma maneira. Que tipo de resolução teria sido a mais importante: a Revolução Inglesa ou a Revolução Francesa? As duas foram revoluções burguesas, rompendo com feudalismo. Hoje se diz que a Francesa errou os caminhos, investindo mais nos direitos sociais garantidos pelo Estado e que o caminho seguido pela Inglesa foi o mais correto, onde a produção econômica é o dado fundamental, ou seja, primeiro acumular para distribuir. Este discurso está se universalizando no caminho de abolir os direitos para possibilitar a produção.

Esta problemática vem sendo formulada desde os tempos das duas revoluções, como observa Norberto Bobbio:

Justamente nos anos em que Hegel fazia do Estado o protagonista da história universal, despontou uma nova teoria que, tomando consciência pela primeira vez do fato de que a grande virada da história tinha sido não a Revolução Francesa (que fora uma revolução apenas política e, em grande parte, abortada), mas a Revolução Industrial — que tinha dado origem à transformação do Estado, mas não da sociedade (...)¹¹

Seqüencialmente N. Bobbio refere-se a Saint-Simon, porque este defende que o poder do Estado deve ser apenas provisório no processo social.

Em termos mais simples, o que é possível fazer? Colocam-se duas questões: ou o Estado ou o caos? Ou a salvação fora do Estado ou a dominação burocrática estatal?

Então, pergunto-me: o que é o humanismo? Para Hegel, na sua *Estética*, o humano é o que coletivamente podemos realizar dentro do Estado. O esfacelamento individual é que leva à dispersão e ao conflito entre indivíduos, sem solução.

11. BOBBIO, Norberto. *Estudos sobre Hegel*. Direito, sociedade civil e Estado. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989, p. 53-54.

Arthur Utz, propondo uma filosofia de caminhos alternativos entre o neoliberalismo e o neomarxismo, defende que nem o capitalismo e nem o socialismo poderão existir de forma pura. Daí a sua proposta de um terceiro caminho, levando em conta a proposta dos dois primeiros e, de certa forma, acrescentando algo. Assim escreve:

Quero declarar desde já que sou adepto da economia de mercado, isto é, da economia de mercado social, mas com outras premissas filosóficas que não aquelas apresentadas usualmente para a justificação desta concepção, inclusive para a assim chamada economia de mercado social. Tratarei essas premissas na seção intitulada "O caminho lógico da concepção do homem à ordem econômica". Preocupa-me especialmente uma fundamentação da propriedade privada no setor de produção mais lógica que a oferecida pelo liberalismo¹²

Se esta posição pode ser questionada, por outro lado, não deixa de ser interessante por ser uma abordagem filosófica como ele mesmo intitula seu livro, uma vez que normalmente se pensa em um economista ou sociólogo sendo mais afim. Antes do cientista de qualquer área está implicado o sentido da vida, por isso é fundamental a importância do filósofo, enquanto trata dos pressupostos do conhecimento. Nem o cientista entendido como homem prático deve prescindir do apoio destas premissas.

5. CONCLUSÃO

A polêmica entre as duas vias mostra-se interessante. Se, como se disse no princípio do texto, o liberalismo atual é uma volta ao liberalismo clássico, não seria interessante refazer o conservadorismo?.

O ponto de vista neoliberal apresenta-se de maneira pragmática. O que isto quer dizer? Em termos econômicos, é a redução de custos a qualquer custo. Em termos sociais, é a redução de direitos sociais adquiridos com muita luta. Em termos políticos, é o desprezo pela atividade de uma organização justa da conduta ética. No campo cultural, é o que menos lhe interessa. Prefiro lembrar Rousseau, ao discursar sobre as letras e as artes. Investir em cultura não seria a realização de vaidades pessoais?

Infelizmente, não podemos viver de utopias. Se elas sugerem mudanças no campo da existência prática, a ordem prática acaba sendo mais determinante do que está na imaginação.

12. UTZ, Arthur. *Entre o neoliberalismo e o neomarxismo*. Uma filosofia de caminhos alternativos. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1981, p. XIV.

Entretanto, vejo uma possibilidade, já que Rousseau foi citado: a da imaginação e do sonho de mudanças fazerem desvios no caminho da realidade. Aliás, não é por acaso que sua teoria política foi modelo, em certo estágio, da Revolução Francesa.

O neoliberalismo parte para o ataque, já que não encontra obstáculos. É uma política e filosofia sem sonhos, agressivo e desumanizante, e ganha no grito. É nesse sentido que falar em humanismo é um ato de coragem. Talvez devesse ressaltar que a definição de neoliberalismo é bem mais ampla do que se pratica. Entendo por esse termo o que não é o liberalismo clássico, ou seja, da forma diferente de conceber o liberalismo que não é o da forma clássica. Infelizmente, o que tem que ser enfrentado é o que aparece agora, na sua concepção mais pragmática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLOW, Saul. "Preâmbulo" a Alan Bloom. In: _____. **O declínio da civilização ocidental**. Trad. João Alves dos Santos. São Paulo : Nova Cultural, 1989.
- BOBBIO, N. **Estudos sobre Hegel**. Direito, sociedade civil e Estado. Trad. Luiz Sérgio Henrique, Carlos Nelson Coutinho. São Paulo : UNES/Brasiliense, 1989.
- HILL, C. **A Revolução Inglesa de 1640**. Trad. Wanda Ramos. Lisboa : Presença, 1981.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural na esfera pública**. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1984.
- LASKI, H. **O liberalismo europeu**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo : Mestre Jou, 1973.
- LEFEBVRE, H. **Introdução à modernidade**. Trad. J. Chrysostomo de Souza. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1968.
- MARCUSE, H. **Razão e revolução**. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro : Saga, 1969.
- SORMAN, G. **A solução liberal**. Rio de Janeiro : Instituto Liberal/Civilização Brasileira, 1976.
- _____. **Os verdadeiros pensadores de nosso tempo**. Rio de Janeiro : Imago, 1989.
- UTZ, A. **Entre o neoliberalismo e o neomarxismo**. Uma filosofia de caminhos alternativos. Trad. Edwino Aloysius Royer. São Paulo : E.P.U./ EDUSP, 1981.
- WILSON, E. O. **Sociobiology**. The new synthesis. Cambridge, Massachusetts and London, England : 1982.
- _____. **The diversity of life**. Allen Lane : The Penguin Press, 1982.